

O ENSINO DE FILOSOFIA À LUZ DE SIMONE WEIL: O SOFRIMENTO COMO CAMINHO DE POSSIBILIDADE PARA O DESPERTAR FILOSÓFICO¹

The Teaching of Philosophy in Light of Simone Weil: Suffering as a Path of Possibility for Philosophical Awakening

Aluna: Allana Steffane da Silva Barbosa²

Orientador: Prof. Dr. Suzano Guimarães³

Resumo: O presente trabalho investiga a filosofia do sofrimento de Simone Weil, analisando o seu potencial como recurso pedagógico para o estímulo e desenvolvimento do saber crítico no ensino de filosofia. Admitindo um paradigma hermenêutico e por se tratar de uma pesquisa teórica através do estudo dos conceitos de gravidade, malheur e atenção, o artigo sustenta que a reflexão acerca das vivências humanas marcadas pela dor se torna um caminho de acesso para o entendimento de uma realidade sem ilusões. Desta forma, a filosofia do sofrimento weiliano é apresentada como um alicerce para uma educação enraizada, capaz de conectar os estudantes às problemáticas do seu tempo de forma crítica, em diálogo com as diretrizes do Currículo de Pernambuco do Ensino Médio.

Palavras-chave: Sofrimento; Simone Weil; Ensino de filosofia; Malheur; Educação.

Abstract: This paper investigates the philosophy of suffering of Simone Weil, analyzing its potential as a pedagogical resource for the stimulation and development of critical knowledge in philosophy. Admitting a hermeneutic paradigm and because it is a theoretical investigation through the study of two concepts of gravity, malheur and attention, the paper supports that reflection on human experiences marked by peeling becomes a path of access for the understanding of a reality without illusions. In this way, the philosophy of Weilian suffering is presented as a resource for a rooted education, capable of connecting students to the problems of their time in a critical way, in dialogue with the guidelines of the Pernambuco High School Curriculum.

Keywords: Suffering; Simone Weil; Teaching Philosophy; Malheur; Education.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Suzano Guimarães e Profa. Dra Gabriela da Nobrega Carreiro, na seguinte data: 06 de Agosto de 2025.

² Graduanda em Filosofia na UFPE

³ Professor do curso de Filosofia da UFPE

Considerações iniciais

O sofrimento humano foi um dos inúmeros transtornos do início do século XX, que foi marcado por guerras de proporções mundiais, genocídios, instabilidades políticas e dor humana em escalas inimagináveis. Longe de ser um período de avanços históricos e desenvolvimentos sociopolíticos constantes, o início do século promoveu duas grandes guerras e conflitos sangrentos que arrastaram milhões para os campos de batalha, expondo de maneira brutal a fragilidade humana e os terrores de sua crueldade. Além disto, a capacidade destrutiva da indústria e da política bélica resultou na devastação de países, na morte e mutilação de centenas e milhares de vidas, alterando de maneira desoladora o percurso da história diante os rastros de destruições, cicatrizes e traumas que se estendem até os dias atuais. A experiência traumática e as consequências destes conflitos geraram na população mundial os sentimentos de desesperança, angústia e desespero, além do desenvolvimento de transtornos psicológicos, que atingiram uma sociedade que se encontrava constantemente desequilibrada e aterrorizada, recorrendo muitas vezes ao suicídio e ao vício em substâncias como uma solução para as problemáticas que emergiam⁴. A barbárie generalizada, as trincheiras e os bombardeios direcionados as cidades ocupadas por civis não era um acidente esporádico, mas uma manifestação forçada das tensões ideológicas e políticas do período. A dimensão desse horror é mencionada por Eric Hobsbawm, ao descrever o cotidiano dos soldados (e civis) que viviam na pele a barbárie destes conflitos:

Milhões de homens ficavam uns diante dos outros nos parapeitos de trincheiras, barradas com sacos de areia, sob as quais viviam como — e com — ratos e piolhos. De vez em quando seus generais procuravam romper o impasse. Dias e mesmo semanas de incessante bombardeio de artilharia — que um escritor alemão chamou depois de "furações de aço"

⁴ Os problemas de natureza psicológica segundo Machado, foram desenvolvidos diante do contato com as carnificinas, estupros e destruições ocasionados pela guerra e problemas do período. Grande parte da população mundial desenvolveu o transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade generalizada e quadros de depressão, devido à natureza dilacerante dos fatos históricos: “A própria condição humana determina que associado à morte e sofrimento haja sempre um sentimento de angústia que se prolonga no tempo, mesmo após o contacto com essa experiência. Assim sendo e desde que o Homem desenvolveu a capacidade de prever o perigo e ter a consciência da morte que se depara com situações indutoras de stress. O que distingue um evento traumático daquele que é apenas indutor de stress é a perpetuação no tempo do primeiro, mesmo após a extinção do evento precipitante. Com a evolução da humanidade, mudaram também os contornos dos principais eventos traumáticos.” (MACHADO, 2014, p.14)

(Ernst Jünger, 1921) — "amaciavam" o inimigo e o mandavam para baixo da terra, até que no momento certo levava de homens saíam por cima do parapeito, geralmente protegido por rolos e teias de arame farpado, para a "terra de ninguém", um caos de crateras de granadas inundadas de água, tocos de árvores calcinadas, lama e cadáveres abandonados, e avançavam sobre as metralhadoras, que os ceifavam (HOBSBAWM, 1995 p. 33).

O surgimento de regimes totalitários, como o nazismo e o fascismo, transformou o cotidiano da sociedade em um antro de sangria social, ao instrumentalizar os conflitos do período vigente em prol de seus interesses. Neste período sombrio, minorias e massas sociais, que já se viam fragilizadas à medida que suas vidas "perdiam" o valor e eram reduzidas a fins ideológicos, foram perseguidas, aprisionadas e exterminadas em campos de concentração que possuíam, como *modus operandi*, os genocídios, os experimentos brutais e as torturas em massa. Neste cenário de brutalidade, caos, sofrimento e desesperança, a filosofia, que tradicionalmente guiava a racionalidade ocidental, teve seu propósito questionado em sociedade, passando a ser constantemente atacada e associada (em grande parte por teóricos marxistas) a abstrações interpretativas da realidade sem poder de atuação no mundo material. Em decorrência disto, filósofos como Albert Camus, Hannah Arendt, Jean-Paul Sartre e Edmund Husserl tentaram compreender esse período sombrio, buscando estabelecer novos paradigmas para a existência, ao mesmo tempo que teorizavam sobre as tragédias que evidenciaram este colapso ocidental e humano.⁵

Diante da carnificina da guerra e da desumanização proletária nos espaços campesinos e fabris, a filósofa Simone Weil também desenvolveu escritos, ensaios e reflexões voltados ao problema do sofrimento em seu tempo. O avanço do totalitarismo e

⁵ Como mencionado anteriormente, a crise da filosofia no século XX surgiu através das barbáries das guerras, revoluções, crises e genocídios mundiais, evidenciando o colapso ocidental e humano. Em razão disto, Sartre defendeu o existencialismo em seu ensaio "O Existencialismo é um Humanismo" contra acusações públicas que afirmavam que seu pensamento "era degenerado e burguês". Já Husserl, buscou novos paradigmas para compreender um dos períodos mais sombrios da humanidade, a fim de direcionar os olhares revoltosos e angustiados para novas perspectivas. Hannah Arendt, a partir de suas vivências explorou temáticas como liberdade e a banalidade do mal, influenciando o pensamento pós-guerra a respeito de suas concepções sobre responsabilidade humana em regimes totalitários. E Adorno, junto a Horkheimer, passou a apontar problemas na razão iluminista que, ao se tornar instrumental, corroborou com os atos de dominação que caracterizaram as atrocidades do século, gerando mais conflitos intelectuais no cenário filosófico. Diante de tal colapso moral e humano, a filosofia buscou maneiras de reinventar seu propósito.

as constantes desgraças surgidas no século XX sensibilizaram Weil, ao ponto de que a dor da existência e suas dimensões ontológicas, não somente se tornaram um dos elemento centrais da sua teoria filosófica, mas também da sua vivência e experiências práticas. Por possuir a origem judaica, a autora sentiu na pele a ascensão do antisemitismo, que a empurrou para o exílio e a forçou romper o elo entre sua comunidade e seu país de origem. Anos mais tarde, atuou na Guerra Civil Espanhola⁶, não de forma combativa, mas cuidando dos feridos que resistiam às forças autoritárias da Espanha. E, em um dado período, vivenciou a realidade campesina e fabril, sofrendo a miséria e as cruéis as condições escravistas do trabalho proletário (o que corroborou para a sua estruturação do termo "*malheur*"). Foi através dessas experiências de vida que o sofrimento existencial, observado pelas lentes atenciosas de Simone Weil, surge como um *pathos*⁷ em seu pensamento filosófico, como aponta Bueno e Bortollo (2019, p.160): "o pathos do sofrimento, configurado a partir das experiências existenciais de Weil, pode ser definido, conclusivamente, como o eixo que possibilita perceber a articulação entre o engajamento sociopolítico e a experiência mística em Weil". Portanto, é através da análise minuciosa da ontologia da dor e das experiências de vida de Simone, que surge uma hipótese alternativa de encontro à verdade, apoiada no estado de degradação do *malheur*. Esses aspectos marcaram de maneira intensa as vivências e a filosofia de Weil, tornando a sua vida um testemunho vivo de experiências, pois ela nunca se contentou em apenas teorizar sobre a dor, como aponta Poulin:

Ela não cessou de procurar compartilhar o sofrimento dos outros, abandonando repetidamente sua carreira de professora para trabalhar na fábrica com os trabalhadores, na agricultura com os camponeses ou, em

⁶ A guerra civil Espanhola foi um conflito armado que antecedeu a segunda guerra mundial. Este conflito se caracteriza historicamente pelo atrito bélico entre as forças fascistas e a república democraticamente eleita da Espanha. Ao fim do conflito, as forças fascistas derrotaram o governo espanhol e instaurou uma ditadura que durou cerca de 4 décadas.

⁷ A palavra *pathos* (*πάθος* em grego) é um conceito filosófico cunhado e desenvolvido por Aristóteles. Este termo refere-se a um dos três pilares da persuasão retórica (*phatos*, *ethos* e *logos*). O termo *pathos* tem como objetivo aflorar as emoções do público em uma argumentação, visando influenciar a aderência deste público para as ideias de quem o utiliza. Contudo, ao longo da história do cânone filosófico, este conceito超越了 essa lógica retórica e foi utilizado para referir-se à experiência humana, especialmente ao sofrimento.

1936, se alistar na Guerra Civil Espanhola ao lado dos republicanos (POULIN, 2010, p. 12, tradução nossa)⁸.

A partir da experiência particular de Simone Weil e da experiência geral da humanidade frente as nuances sensíveis e dolorosas da vida, comprehende-se que o problema filosófico do sofrimento perpassa toda a história humana e se manifesta através das sensações de incompletude, dor e desespero diante as problemáticas, contradições e tensões existenciais. Historicamente, este fenômeno é investigado e interpretado através das áreas de conhecimento sociais, científicas, filosóficas e religiosas, gerando teses e pontos de vistas distintos, voltados para o absurdo, o suicídio e a natureza deste problema. Neste cenário, o ensino de filosofia junto a filosofia weiliana, surge a fim de provocar uma reflexão crítica acerca desta condição existencial, direcionando aos estudantes meios para interpretar, indagar e compreender os seus impactos. É através da procura por um entendimento filosófico deste problema que este trabalho se fundamenta.

O presente trabalho se trata de um estudo teórico dedicado a interpretar a filosofia do sofrimento de Simone Weil e desenvolver reflexões que possam vir a garantir o despertar crítico no ensino de filosofia do ensino médio. Portanto, as lentes hermenêuticas utilizadas nesta pesquisa servirão como um fio condutor que une a busca da compreensão da teoria filosófica de Simone, as influências contextuais que moldaram o seu pensamento e a reflexão sobre as potencialidades de sua ontologia do sofrimento para com a evolução do senso crítico no ensino filosófico brasileiro. Para alcançar este propósito, esta pesquisa se estruturará em três seções principais: a primeira seção mostrará uma análise introdutória da estrutura filosófica e dos conceitos fundamentais da filosofia de Simone Weil, explorando a natureza do sofrimento, suas manifestações sociais e o conceito de *malheur* como força destruidora e como via de acesso à verdade⁹;

⁸ "Elle n'a cessé de chercher à partager la souffrance des autres, abandonnant à plusieurs reprises sa carrière de professeure pour travailler à l'usine avec les ouvriers, dans l'agriculture avec les paysans ou, en 1936, pour s'engager dans la Guerre civile espagnole aux côtés des républicains" (POULIN, 2010, p. 12)

⁹ No que tange à filosofia do sofrimento em Weil, esta pesquisa não tem como intuito induzir os estudantes buscarem uma verdade universal no *malheur*, visto que o acesso à verdade neste estado se refere a uma hipótese que pode falhar em garantir o desvelamento da realidade, como também pode agravar o sofrimento existencial de quem o vivencia. Portanto, apesar de Weil defender essa hipótese filosófica, ela não será adotada como método pedagógico de acesso a verdade, e sim, como uma exposição do pensamento da autora.

a segunda seção discorrerá sobre a importância e urgência da inclusão de temáticas e autores (as) existencialistas no ensino, alinhada as diretrizes do currículo do estado de Pernambuco; E por fim, a terceira seção irá refletir sobre as contribuições do pensamento weiliano para o estímulo do senso crítico na educação, analisando as possibilidades e os desafios que podem vir a surgir na aplicação da filosofia de Weil em sala de aula. Considerando a reflexão sobre o problema do sofrimento, este trabalho irá responder às seguintes questões: Quais são os benefícios de aplicar a filosofia do sofrimento de Simone Weil em sala de aula? E como estimular o olhar crítico discente para o mundo em sua concretude?

1 O sofrimento em Simone Weil: a condição humana diante a gravidade do mundo

A filosofia de Simone Weil, nos revela uma visão trágica, dolorosa e incontornável: o sofrimento humano não é um mero acidente no percurso da existência, mas uma condição basilar que comporta e exerce influências sobre toda a estrutura ontológica humana. É através desta perspectiva, que a filosofia de Weil se debruça na hipótese de que o sofrimento é uma lei inevitável da própria existência, semelhante às forças gravitacionais que nos mantêm fixos à terra e que nos impossibilitam de desenvolver qualquer movimento de elevação ou desprendimento. Essa visão fatídica acerca da inevitabilidade ontológica do sofrimento, surge através da hipótese filosófica de Simone sobre o afastamento do bem divino no plano terrestre. Essa ausência passa a se manifestar através do distanciamento metafísico¹⁰ entre Deus e humanidade gerando um vazio existencial que impõe ao sofrimento humano a condição de lei universal. Para a autora, esse vazio é metaforizado pelo conceito de gravidade¹¹ que acentua uma predisposição humana para os atos de violência e crueldade, movidos pela ânsia de

¹⁰ O distanciamento de Deus no mundo não é uma retirada de punição, mas sim, uma ausência para permitir a existência autônoma da criação “O Criador, se retirou para nos permitir ser” (WEIL, 1956, p.511). No entanto, essa ausência ocasiona uma espécie de “vazio existencial” que surge da distância entre o ser e a perfeição divina, segundo Cristina Oliveira Figueiredo: “Deus, ao criar os seres humanos, renunciou-se em nome de uma outra existência e, graças a isso, há um vazio no plano existencial” (FIGUEIREDO, 2021, p. 36).

¹¹ A gravidade (*La Pesanteur* em francês) é um dos conceitos fundamentais da filosofia Weiliana. Ela se configura com uma tendência do ser humano ao se inclinar para as ilusões, o egoísmo, a violência, e a crueldade.

preencher a todo custo, a lacuna existencial deixada pelo divino. Esta análise mostra e entremostra que muitas das nossas ações e princípios destrutivos surgem diante da nossa renúncia em lidar com esse vazio ontológico, conforme a própria Weil observa: “todo vazio (não aceito) produz ódio, azedume, amargor, rancor. O mal que desejamos e que imaginamos para aqueles que odiamos reestabelece o equilíbrio” (WEIL, 2020, p. 51).

No livro “*O peso e a Graça*”¹² (WEIL, 2020, p.56 e 57), Simone afirma que a experiência humana sempre será afetada por esse vazio fundamental, pois ele gera a aflição por uma busca compensatória que se desvia constantemente para as ilusões e desgraças do mundo. Fama, poder, e dinheiro, podem surgir como uma solução para o vazio e para o sofrimento, prometendo ilusoriamente, uma satisfação e completude aos seres que constantemente fogem de sua miséria. Essa ânsia por preencher o sofrível vazio deixado pela ausência divina, faz com que a humanidade se incline a disseminar o sofrimento no plano existencial através de opressões que cooperam para a sustentação de hierarquias sociais, conflitos e injustiças. A filósofa afirma que o ser que sofre e se torna um agressor, recorre à força¹³ buscando maneiras de amenizar e extinguir o próprio sofrimento através da projeção da violência para com seus semelhantes e outras espécies. Essa inclinação gravitacional para a violência diante da aflição psíquica, ontológica ou física, é mencionada pela própria Simone Weil, diante do desejo causar dor aos seus semelhantes nos seus episódios de crises de dores de cabeça:

Não posso esquecer que, em certos momentos das minhas dores de cabeça, quando a crise crescia, eu tinha um desejo intenso de fazer outro ser humano sofrer, golpeando-o precisamente no mesmo ponto de sua testa. Desejos análogos são muito frequentes nos homens. Várias vezes, nesse estado, acabei cedendo à tentação de dizer palavras ofensivas. Obediência ao peso. O maior pecado (WEIL, 2020, p. 37).

¹² O Peso e a Graça (*La Pesanteur et la Grâce* em francês) publicado no ano de 1947, é um compilado póstumo de trechos retirados dos cadernos (*cahiers* em francês) de Simone Weil. A obra em questão foi idealizada por Gustave Thibon e se trata de fragmentos de reflexões e aforismos voltados ao problema do sofrimento e ideia da graça.

¹³ A força (*la force* em francês) é uma série de violências que coisificam o ser humano. Em seu ensaio “o Poema da Força,” Weil afirma que a força desumaniza tanto o agressor quanto a vítima, reduzindo ambos a meros instrumentos de destruição.

Weil conclui, que a humanidade tem como tendência, a atitude de aliviar ou mascarar a própria dor transferindo-a através da força, macro e micro violências para o mundo. Essa tendência destrutiva, acaba gerando um ciclo caótico de sofrimentos, pecados¹⁴ e ilusões, onde ao maltratar, a pessoa em questão pode sentir uma sensação de falso alívio, poder ou até mesmo um companheirismo na dor de outro indivíduo. E ao provocar piedade, o indivíduo pode sentir conforto e identificação alheia, o que pode trazer alguma paz ou validação do próprio sofrimento. Em oposição aqueles que conseguem comunicar a própria dor, os oprimidos se veem desprovidos dessa válvula de escape. Sem voz, poder ou visibilidade para externalizar o seu sofrimento, eles se veem obrigados a carregar o fardo silencioso da própria aflição. Essa dinâmica é explicitamente abordada por Simone em sua reflexão:

Quem sofre busca comunicar seu sofrimento — seja maltratando, seja provocando piedade — na tentativa de diminuí-lo, e realmente consegue diminuí-lo ao fazer isso. No caso daquele que está lá embaixo, aquele com quem ninguém se importa, que não tem o poder de maltratar ninguém (se não tiver uma criança ou um ser que o ama), então o sofrimento permanece nele e o envenena. Isso é imperativo, como o peso. Como se liberar disso? Como se liberar do que é como o peso? (WEIL, 2020, p.39).

A busca por alívio, a fuga do vazio e a tentativa de se livrar do próprio sofrimento, leva Simone Weil a refletir e indagar sobre a inclinação humana de propagar caos e sofrimento no mundo. É a partir dessa reflexão que a filósofa desenvolve uma catalogação conceitual da dor, que revela as distintas maneiras sobre como o sofrimento age na natureza do ser, moldando a sua experiência de vida diante o tecido existencial. Essa tipologia conceitual se sustenta em torno de três tipos de sofrimento que se diferenciam entre: sofrimento desnecessário¹⁵, sofrimento expiatório e sofrimento redentor. Neste contexto, Weil afirma: “Existem três tipos de sofrimento. Sofrimento desnecessário (degradante). Sofrimento expiatório. Sofrimento redentor (este último é o

¹⁴ A ideia de pecado em Simone Weil, se distancia da visão teológica cristã. Enquanto o cristianismo entende o pecado como um desrespeito ao espírito santo e uma heresia a Deus, para Weil, o pecado seria um estado de desordem interior. Esse estado leva o indivíduo a agir de maneiras que prejudicam a si mesmo e consequentemente, os outros, através da busca por recompensas ilusórias para o vazio existencial e para o sofrimento.

¹⁵ O sofrimento desnecessário é o único que em tese, pode ser evitado (pois tem origem nas ações humanas e estruturas opressivas), mas, na prática, ele persiste devido à inclinação gravitacional da existência humana.

privilégio dos inocentes). Observamos que Deus inflige todos. (Por quê?) Só é dado ao homem infligir o segundo tipo. (Porquê?)” (WEIL, 1956, p. 348, tradução nossa)¹⁶.

O sofrimento desnecessário (não natural) por exemplo, surge por através da violência, destruindo e maculando quem o causa e quem o sofre. Este tipo de sofrimento possui um reflexo gravitacional, e é duramente criticado e interpretado por Simone Weil, como uma dor sem propósito que impossibilita qualquer potencial de elevação, aprendizado ou reflexão ética. Ele se faz presente no mundo de variadas formas e pode facilmente ser identificado através da opressão, da vingança e da barbárie. Em contra partida, o sofrimento expiatório conforme a filósofa, possui um valor purificador que se projeta para além de quem o vivencia. Tal sofrimento não se trata exclusivamente de uma punição ou violência, mas de um amadurecimento ético que permite a possibilidade do indivíduo aprender com próprias as falhas e reparar o seu erro. O sofrimento expiatório pode ser observado através de uma situação de desrespeito verbal, onde um indivíduo que tece comentários depreciativos para o outro, é tomado pelo arrependimento e pela vergonha ao refletir sobre seu próprio ato. Nesse sentido, o sofrimento expiatório surge através da culpa, que se manifesta na dor moral desse indivíduo em reconhecer as próprias falhas. A atitude de se responsabilizar e sofrer pelo erro, permite que esse indivíduo inicie uma reconciliação consigo e busque a reparação do dano causado à outra pessoa. Já o sofrimento redentor (ou o sofrimento dos inocentes¹⁷) é visto como um paradoxo da condição humana que desafia qualquer lógica ou senso crítico. Weil o aborda não classificação superior ou transcendental, mas como expressão suprema do sofrimento onde a injustiça é redimida pelo amor e pela recusa de retribuir o ato sofrido na mesma moeda. A filósofa afirma que este tipo de sofrimento surge da barbárie infligida entre seres humanos e a vítima desta barbárie, diante do contato com a crueldade não se influencia. Essa ideia é claramente expressa e discutida nas palavras da filósofa: “O

¹⁶ "There are three types of suffering. Unnecessary suffering (degrading). Expiatory suffering. Redemptive suffering (the latter is the privilege of the innocent). We observe that God inflicts all suffering. (Why?) Only man is given to inflict the second type. (Why?)" (WEIL, 1956, p. 348)

¹⁷ O sofrimento de Cristo é o arquétipo do sofrimento inocente (redentor), pois o Sacrifício de Jesus para redimir a humanidade e livrá-la da morte, segundo a autora, se trata da manifestação de uma dor que não foi ocasionada por Cristo, que não o maculou e se transformou em um ato de redenção universal para consigo e os outros.

sofrimento redentor deve ser injustiça, violência exercida por seres humanos. Tem de consistir em ser submetido à força. Dentro da alma, a oração e o Sacramento devem transmutar o pecado em sofrimento.” (WEIL, 1956, p. 590).

1.1 A desgraça coletiva: o impacto do sofrimento na esfera social e política

Simone Weil reconhece que o sofrimento possui raízes ontológicas, mas também destaca que muitas formas de aflição surgem de construções políticas e não possuem qualquer ligação com a miséria da condição humana (que inclui o vazio, a finitude e a distância metafísica do divino¹⁸). O racismo por exemplo, não possui uma base ou uma estrutura ontológica na natureza humana, pois, ninguém nasce racista ou é racista por natureza. É através desta lógica, que compreendemos que alguns sofrimentos são construídos socialmente e disseminados através da implantação de hierarquias políticas e opressoras que incentivam a inferiorização de minorias em sociedade. Um exemplo de violência construída de forma política pode ser observado em culturas punitivistas, onde se sustenta e se incentiva a ideia de que uma vítima só pode e deve perdoar o seu opressor caso ele sofra na mesma moeda o seu ato. A punição que tem o objetivo de castigar o criminoso (muitas vezes utilizando a morte como sentença ou a justiça com as próprias mãos), também é questionada pela filósofa visto, que à eficácia deste castigo não promove a elevação interior, a transformação do problema e muito menos a reparação do que foi violado ou destruído. Para ilustrar esse ponto, Weil questiona:

Qual é a conexão entre punição e perdão? A reparação – o ofendido só perdoa se o ofensor tiver sofrido pena e humilhação, seja por consentir em submeter-se a ela (como era frequente na Idade Média) ou por ser constrangido até que diga, como os escravos açoitados em Roma: Perdoa-me, já sofri o suficiente. Outra conexão é a cura – espera-se que a punição seja um remédio para reformar o criminoso; uma vez que ele foi reformado, somente este facto garantirá seu perdão (WEIL, 1956, p.69, tradução nossa)¹⁹.

¹⁸ Naturalmente, sofremos as mazelas da finitude, do vazio existencial e das limitações humanas porque não somos Deus. A condição de ser humano é o motivo basilar do sofrimento natural e fragilidade do ser.

¹⁹ “What is the connection between punishment and forgiveness? Reparation – the offended party only forgives if the offender has suffered pain and humiliation, either by consenting to submit to it (as was frequent in the Middle Ages) or by being constrained until they say, like the whipped slaves in Rome: Forgive me, I have suffered enough. Another connection is healing – punishment is expected to be a remedy to reform the criminal; once he has been reformed, only this fact will guarantee his forgiveness. (WEIL, 1956, p.69)”.

A crítica de Simone contra as estruturas punitivistas da sociedade apesar de ser direcionada ao seu contexto, ainda é aplicável a contemporaneidade, dado que a punição na sociedade é instrumentalizada como um imperativo moral, e o sofrimento direcionado ao agressor é aceito como uma saída capaz de restaurar a ordem social e reparar o mal ocasionado. Os discursos de ódio e os ciclos de violência são frequentemente disfarçados de "responsabilização", costumam legitimar atos de barbárie em nome de uma suposta justiça que não existe. Linchamentos, exposições, punições sociais, tortura e outras formas de violência são defendidos e sustentados sob o discurso de que o transgressor "deve e merece" sofrer. Essa visão distorcida da moralidade acaba reduzindo o ser a um objeto de castigo e um aparelho de projeção da dor. O surgimento dessa lógica de violência dominante ecoa na voz de Pereira:

Esses discursos punitivistas ganham relevância em momentos de crises na segurança pública, principalmente diante de delitos aberrantes ou de violência extrema, ou, ainda, em razão de instabilidades políticas e nas bases democráticas. Apoiado na maximização provocada por veículos de comunicação, essas “janelas de oportunidades” mobilizam ainda mais os grupos dominantes e, por discursos moralistas, manobras legislativas e decisões judiciais questionáveis (PEREIRA, 2025, p.7).

Em consonância, a filósofa também discorre sobre a complexidade da guerra argumentando que a mesma está profundamente ligada à busca e à manutenção do prestígio político estatal e do direito de dominação. Para ela, o ato de guerrear envolve a manifestação da força que visa dizimar o seu oponente como moeda de prestígio, e a resistência a esta força não é uma saída, pois o contato com a guerra nos coloca dentro dessa dinâmica de dominância e sofrimento. Um exemplo disso são os fugitivos da guerra que mesmo fugindo e repudiando o conflito, acabam sofrendo os frutos de algo que é indesejado para eles. A guerra, para a filósofa, revela uma verdade fundamental sobre a essência humana e sobre as estruturas das sociedades diante da força e do prestígio que gera ciclos de violência e aflições. Essa ideia é refletida em sua própria afirmação: “Causa das guerras: Existe em cada homem e em cada grupo de homens um sentimento de que

têm o direito justo e legítimo de se-rem senhores do universo – de possuí-lo.” (WEIL, 1956 p.222, tradução nossa)²⁰

O ser humano na condição de animal político (dominado por sua ganância de prestígio e poder) direciona aos seus adversários e para até mesmo os civis, a sua força (muitas vezes com o apoio bélico) afim de dizimar, dominar povos, territórios e sistemas econômicos). Assim, a guerra nas palavras da filósofa, nos mostra uma verdade terrível sobre a natureza egoica da humanidade e das organizações sociais, onde a força e o prestígio se tornam os pilares dos ciclos contínuos da política de violência e sofrimento social:

A guerra é a forma suprema de prestígio. O manejo de armas pode ter por objetivo acabar com o prestígio (Maratona), ou estabelecer um prestígio duradouro (Império Romano) – no primeiro caso existe uma contradição interna, no segundo não – uma vez a espada desembainhada, o domínio do prestígio é estabelecido; a não resistência não é um meio de o evitar (WEIL, 1956, p. 215, tradução nossa)²¹.

O sofrimento na condição operária também foi um objeto de análise prática na filosofia de Simone Weil. Ela abandonou sua carreira como professora de filosofia para vivenciar na pele a realidade fabril e campesina, buscando entender os aspectos centrais das condições de trabalho do proletariado sob a ótica capitalista. Foi no processo de imersão nos ambientes fabris, que experiência de Weil contribuiu para o desenvolvimento pleno de sua filosofia do sofrimento como destaca Denis André Bez Bueno (2017, p. 25): “Durante e após os anos decorridos nas fábricas, Weil configura seu diagnóstico acerca da real condição operária. É então que suas primeiras intuições acerca do sofrimento começam a se constituir”. Portanto, foi através da experiência direta na rotina das fábricas que Simone Weil enfrentou a realidade do proletário em seu tempo, e entendeu que o trabalho estava alinhado a uma lógica desumanizante e escravista. A exaustiva pressão por produtividade e as condições insalubres do expediente frequentemente ocasionavam

²⁰ “Cause of wars: There exists in each man and in each group of men a feeling that they have the just and legitimate right to be masters of the universe – to possess it.” (WEIL, 1956 p.222)

²¹ “War is the supreme form of prestige. The handling of weapons can aim to end prestige (Marathon), or to establish a lasting prestige (Roman Empire) – in the first case there is an internal contradiction, in the second there is not – once the sword is drawn, the dominion of prestige is established; non-resistance is not a means of avoiding it.” (WEIL, 1956, p. 215)

acidentes de trabalho no qual os trabalhadores não eram amparados. A monotonia do trabalho mecanizado e repetitivo (que dispensava o pensamento crítico) dilacerava a vitalidade dos trabalhadores, era duramente criticado pela autora, visto que essa dinâmica de repetição reduzia os indivíduos a "coisas", fisicamente e mentalmente esgotados ao fim do dia, incapazes de refletir, assimilar ou reagir. Foi através da intensidade dessa desumanização que beirava a escravidão que Simone Weil expressou:

Estando numa fábrica, confusa aos olhos de todos e aos meus próprios olhos com a massa anônima, a desgraça alheia entrou na minha carne e na minha alma. Nada me separava dela, pois eu havia realmente esquecido meu passado e não esperava nenhum futuro, podendo apenas imaginar a possibilidade de sobreviver a essas fadigas. O que vivi lá deixou uma marca tão duradoura em mim que até hoje, quando um ser humano, seja ele quem for, em quaisquer circunstâncias, fala comigo sem brutalidade, não posso deixar de sentir que deve haver um engano e que esse engano, infelizmente, sem dúvida, se dissipará. Ali recebi para sempre a marca da escravidão, como a marca de ferro em brasa que os romanos colocavam na testa dos seus escravos mais desprezados. Desde então sempre me considerei um escravo (WEIL, 1966, p. 65, tradução nossa)²².

A citação da filósofa revela a gravidade da desumanização e do sofrimento extremo vivido nos espaços das fábricas do século XX, e é partir deste depoimento que entendemos que a experiência de Simone Weil se alinha a uma despersonalização das faculdades que comportam o ser, ocasionando o que a autora chama de *malheur*.

1.2 Malheur: A essência da fatalidade e da ruptura da condição humana

O *malheur*²³ segundo Simone Weil, é um estado de despersonalização incapacitante, que não apenas aflige, mas atinge a raiz do ser, desintegrando o espírito

²² "Étant à l'usine, confondue aux yeux de tous et à mes propres yeux avec la masse anonyme, le malheur d'autrui est entré dans ma chair et dans mon âme. Rien ne m'en séparent, car j'avais réellement oublié mon passé et n'attendais aucun avenir, ne pouvant qu'imager la possibilité de survivre à ces fatigues. Ce que j'y ai vécu m'a laissé une marque si durable que jusqu'à ce jour, lorsqu'un être humain, quel qu'il soit, en quelques circonstances que ce soit, me parle sans brutalité, je ne peux m'empêcher de sentir qu'il doit y avoir une erreur et que cette erreur, hélas, sans doute, va se dissiper. J'y ai reçu pour toujours la marque de l'esclavage, comme la marque du fer rouge que les Romains mettaient au front de leurs esclaves les plus méprisés. Depuis, je me suis toujours considérée comme une esclave." (WEIL, 1966, p. 65)

²³ A palavra *malheur* é um termo francês que significa infortúnio ou desgraça. Na filosofia Weiliana ela é entendida como um estado de desenraizamento extremo que coloca o ser diante o vazio existencial. ²¹ "C'est souvent une honte. Le malheur est un déracinement de la vie, un équivalent plus ou moins atténué

e a vitalidade substancial humana. Ele se manifesta como um desenraizamento ontológico da existência, ocasionando uma desconexão entre o ser e suas características biopsicossociais. Embora não seja uma regra, esse estado de degradação tende a surgir em contextos de sofrimentos físicos extremos (auto infligidos ou infligidos) visto que uma dor intensa sem interrupções, possui a capacidade tirânica de roubar a consciência e a vitalidade de uma pessoa, afetando toda a sua ontologia e consequentemente a sua vivência em comunidade. Para sustentar essa afirmação, a autora pontua: “O *malheur* é um desenraizamento da vida, um equivalente mais ou menos atenuado da morte, tornado irresistivelmente presente à alma pela obtenção ou apreensão imediata da dor física.” (WEIL, 1966, p. 40).

Este estado pode vir a atingir todos de forma indiscriminada; ele não escolhe idade, nacionalidade, gênero ou classe social. Ele retira do indivíduo tudo o que o torna único, apagando a capacidade de agir e reagir, de sentir e de existir no mundo. O ser afetado se torna um morto vivo sem autonomia ou dignidade para existir. Ademais, o impacto do *malheur* é profundo e extremamente traumatizante, as vítimas podem nunca se conseguir se recuperar, se libertar ou se estabelecer em vida. Em consonância, conforme os estudos de Andrea Hollingsworth, citados por Figueiredo (2021, p.26): “o *malheur* ocorre diante da existência de três fatores: dor física recorrente, aflição psíquica e anonimato”. Portanto, é obrigatório que o *malheur* atinja essas três faculdades ontológicas (espírito, psique e identidade) para coexistir com o indivíduo. É essa intersecção de sofrimento que atinge o ser em suas dimensões mais profundas e revela a complexidade do *malheur* como um estado de desamparo existencial que coloca suas vítimas em contato com a dor e o vazio da existência (situação que é evitada ao extremo pela humanidade). Tal estado de degradação era bastante comum nos contextos e nos espaços de colonização, trabalho proletário e guerras, podendo atingir os oprimidos de forma individual ou coletiva devido à natureza dilacerante e desumanizante desses sistemas²⁴. Weil vivenciou o *malheur* em dado período de sua vida, e pode sentir o impacto devastador que ele causa

²⁴ Apesar da violência ser o estopim para o *malheur* coexistir com o indivíduo, traumas também podem ser um fio condutor para este estado. A perca de um ente querido, o fim de um relacionamento ou testemunho de um suicídio, podem ocasionar o *malheur*, pois essas situações têm o poder de causar sofrimentos que podem vir a quebrar o ser em suas bases ontológicas.

sobre os indivíduos lançados ao abismo do sofrimento. A autora descreve essa experiência pontuando que certas formas de sofrimentos possuem a capacidade de modificar estágios de uma vida de maneira irreversível:

O *malheur* matou minha juventude. Até então eu não havia experimentado nenhuma infelicidade, exceto a minha própria, que sendo minha, me parecia de pouca importância, e que, além disso, era apenas meia infelicidade, sendo biológica e não social (WEIL, 1966, p. 65, tradução nossa)²⁵.

Em suma, a visão da filósofa sobre o estado de *malheur* não se restringe à sua experiência; e embora sua vivência na fábrica tenha sido fundamental para a fundamentação do conceito, ela eleva essa experiência pessoal ao identificar na crucificação de Cristo a expressão máxima e arquetípica do *malheur*. Na cruz, Jesus Cristo não apenas viveu a dor da tortura, mas também vislumbrou em totalidade o sentimento dilacerante do abandono de Deus. Nesse abismo do *malheur*, todas as ilusões que dão um falso sentido à existência humana se desfazem. Não há construções sociais, propósitos ou ilusões; Nele, Cristo viu a verdade nua e crua da condição humana e essa verdade consistia em nada ser, Segundo a autora:

Cristo experimentou o vazio total por um momento antes de ser ressuscitado. Ele sofreu toda a miséria humana, exceto o pecado; mas tinha tudo aquilo que faz um homem capaz de pecar. O que faz o homem capaz de pecar é o vazio; todos os pecados são tentativas de preencher vazios (WEIL, 1970, p.73, tradução nossa)²⁶.

Entretanto, a experiência do *malheur* para a filósofa não se encerra em si mesma como um fim trágico pois é no vazio existencial, onde todas as ilusões e noções se desfazem, que surge a possibilidade de despertar para uma nova perspectiva.

²⁵ "le malheur a tué ma jeunesse. Jusque-là je n'avais éprouvé aucun malheur, sinon le mien propre, qui, étant le mien, me semblait de peu d'importance, et qui, de plus, n'était qu'un demi-malheur, étant biologique et non social" (WEIL, 1966, p. 65).

²⁶ "Christ experienced total emptiness for a moment before being resurrected. He suffered all human misery, except for sin; but he had everything that makes a man capable of sinning. What makes man capable of sinning is emptiness; all sins are attempts to fill emptiness." (WEIL, 1956, p.73)

1.3 O *malheur* e a atenção: a decifração do real

O estado radical do *malheur* apesar de incapacitante, pode vir a ser uma rota paradoxal que oferece ao ser um encontro inesperado com Deus e sua graça divina. Essa hipótese de elevação mística e epistêmica, ganha força e sentido através da lógica de que esse estado releva um vislumbre cru do real que engloba a ausência divina e o vazio ontológico em sua concretude. É exatamente nessa exposição abissal do vazio existencial e da distância metafísica entre ser e Deus, que surge uma espécie de contradição do *malheur*, que consiste em ter o poder de aniquilar o ser, de reduzir à sua essência ao mais puro nada, e ao mesmo tempo oferecer através do vazio, uma única chance de conexão com o transcendente. Contudo, para que a revelação e a ponte para o transcendental sejam possíveis, é obrigatório que o *malhereux* (o ser em *malheur*) aceite a sua própria miséria, direcione a sua atenção²⁷ para o vazio e se esvazie. É nesse processo de esvaziamento voluntário, que a atenção desinteressada se revela uma ferramenta capaz de retirar do ser toda a sua gravidade e o direcionar para as verdades que antes eram inacessíveis, como aponta Figueiredo (2021, p. 40): “A atenção é uma renúncia radical aos projetos, desejos, preconceitos, ambições, para que, assim, os indivíduos possam olhar para a realidade do outro e a do mundo que são externas a eles”.

Outro aspecto crucial para a assimilação da ideia de esvaziamento na filosofia weiliana, está na distinção entre o esvaziamento imposto pelo *malheur* e o esvaziamento voluntário que anseia o encontro com à graça. No primeiro caso, a pessoa não escolhe ser esvaziada, pois é submetida ao vazio à força e tem a sua essência e características singulares da sua personalidade, arrancadas por meio da violência. Já o esvaziamento voluntário que surge através da atenção desinteressada, é um ato radicalmente diferente, pois trata-se de um dos aspectos mundanos e de uma prostração genuína e voluntária do ser que se coloca em espera e direção à Deus²⁸. Aqui, o indivíduo mesmo fragilizado,

²⁷ Atenção (*Attention* em francês) não se trata de um termo literal, mas sim, da suspensão e renúncia da própria vontade e dos preconceitos que sustentamos durante a vida na gravidade. Ela é uma abertura à realidade como ela se apresenta.

²⁸ O Deus weiliano segundo Figueiredo, não se trata do Deus cristão, embora nos cahiers ele seja mencionado. A ideia de Deus em Weil tem inspiração na filosofia de Platão e no princípio de bem universal: “O conceito weiliano de Deus não se refere ao Velho Testamento ou ao Deus dos Judeus ou a uma divindade Cristã, mas simplesmente um princípio: principium bonum, ou o Bem. Isto é, Deus não está

escolhe aceitar a sua realidade composta por vazios e se entrega para a perfeição divina sem ressalvas ou hesitações. Portanto, é através deste despojamento autêntico estimulado pela atenção, que o indivíduo se coloca em espera e direção à graça (que por consequência, desce até ele e o preenche). Ademais, comprehende-se que o despojamento atencioso diante o vazio existencial se torna um critério para o acesso à verdade, visto que Deus precisa do consentimento do ser e não pode preencher ou acessar um corpo tomado pela gravidade. Neste sentido, Figueiredo afirma:

O conceito de graça leva os indivíduos a manterem ou uma atitude de espera ou de procura em relação a Deus, ou dito de outra forma: a graça funciona como uma ponte que leva o ser humano para o caminho do Bem absoluto e no fim da ponte estará a verdade ou Deus, afinal, Deus é a própria verdade (FIGUEIREDO, 2021, p. 75).

Portanto, é através do encontro com Deus, diante deste estado de sofrimento (*malheur*) que o ser é transportado para diante do transcendente. Este processo, também se inicia de maneira contraditória, pois é obrigatório que o indivíduo esteja longe da verdade para que se possa acessá-la, como menciona Figueiredo (2021, p. 50): "Para o malheureux ir em direção a Deus ou ir em direção à verdade, ele precisa estar fora dessa verdade. O ser humano precisa compreender, primeiramente, que a sua realidade é composta pela ausência de Deus, isto é, há nele a sede desse Bem faltante, essa ausência de verdade em seu plano existencial". Portanto, a partir da concepção de Figueiredo, comprehende-se que para se chegar à verdade, é necessário que o ser esteja em um estado de contradição (de ausência de Deus), para que assim, o desejo e o movimento em esperá-lo e se colocar em direção a Ele possa surgir. Logo, é obrigatório que o indivíduo em *malheur* aceite sua condição miserável e se coloque à espera de Deus sem resistências ou tentativas de fuga pois só assim, alcançará a verdade por mais dolorosa que seja. A complexidade deste sacrifício reflete na própria concepção de verdade de Weil, que não hesita em afirmar: "Amar a verdade significa suportar o vazio e, consequentemente, aceitar a morte. A verdade está do lado da morte. Amar a verdade

presente na realidade daqui de baixo e, portanto, só pode ser conhecido como um desejo pelo Bem (influência da filosofia platônica: Ideia do Bem presente na República, passagem 505a)." (FIGUEIREDO, 2021, p. 29).

de toda a alma é algo que não pode ser feito sem dor." (WEIL, 1956, p.299, tradução nossa)²⁹.

O acesso a um mundo sem ilusões, segundo a Weil, exige sacrifícios, sofrimentos e despreendimento para com a vida. Nesse percurso árduo, o infortúnio (*malheur*) se revela não somente como um fardo, mas como um caminho tortuoso de revelações que oferece a possibilidade de renúncia aos aspectos mais inferiores da gravidade que nos restringe ao mundano. É através do esvaziamento voluntário e da aceitação do sofrimento, que a receptividade para o divino se manifesta, como aponta Figueiredo:

As hipóteses filosóficas teológicas levantadas por Weil sobre o sofrimento humano não podem ser lidas sem o entrelace da experiência do malheur e da verdade ou da experiência da graça, pois ambos se complementam. Sem malheur não há graça e, por sua vez, não há verdade (FIGUEIREDO, 2021, p.104).

Ademais, a atenção não surge somente como um suporte na jornada de encontro a graça, mas também como uma alternativa ética que estimula a resistência contra as inclinações gravitacionais que podem vir a surgir e que se perpetuam nas relações que construímos em comunidade ao longo das nossas vidas. Essa ferramenta ética, pode favorecer o surgimento da alteridade humana ao nos permitir experenciar uma percepção desinteressada da vida onde a existência dos nossos semelhantes, sem as distorções das nossas idealizações e preconceitos, é devidamente respeitada, aceita e valorizada. O indivíduo ao se espelhar na lógica transcendental, se retira e permite a existência livre e autônoma de seus semelhantes, além de estimular a alteridade e o acolhimento para aqueles que sofrem, conforme Simone Weil: "Os infelizes não precisam de mais nada neste mundo além de homens capazes de cuidar deles. A capacidade de prestar atenção a uma pessoa infeliz é algo muito raro e muito difícil; é quase um milagre; É um milagre." (WEIL, 1966, p. 30) (Tradução nossa)³⁰. Figueiredo (2021) também reflete sobre a necessidade da atenção nas construções das afetividades sociais que promovem a

²⁹ "To love truth means to bear the void and, consequently, to accept death. Truth is on the side of death. To love truth with one's whole soul is something that cannot be done without pain." (WEIL, 1956, p.299).

³⁰ "Les malheureux n'ont besoin de rien d'autre en ce monde que d'hommes capables de prendre soin d'eux. La capacité de prêter attention à une personne malheureuse est quelque chose de très rare et de très difficile; c'est presque un miracle; c'est un miracle." (WEIL, 1966, p 30).

liberdade de minorias. Para ela, a atenção pode contribuir eticamente para cidadania, visto que possibilita a desconstrução de normas construídas em prol da coisificação do outro:

A pretensão de Simone Weil para com o seu conceito de atenção é que os indivíduos se voltem para a realidade e estejam atento às vidas humanas e para que não transforme o outro em fantoches sob o seu domínio. Deve-se estar atento com as projeções egoístas dos desejos que resultam em não olhar e não ouvir o sofrimento e as necessidades dos outros. O conceito de atenção é crucial para que as pessoas se apercebam da presença do outro (outro que tem a possibilidade de ser um malheureux) (FIGUEIREDO, 2021, p. 40).

Por fim, nesta seção compreendemos, de forma introdutória, como a ontologia existencial do sofrimento se estrutura no pensamento de Weil. A distância metafísica entre Deus e seres humanos e a busca por compensações a fim de preencher uma existência imersa em vazios e sofrimentos, se torna a espinha dorsal de sua teoria que engloba elementos ontológicos, místicos e epistêmicos. Através dela, podemos também compreender modus operandis dos sofrimentos vividos e construídos em sociedade, que resultam na desumanização da experiência do *malheur*. Contudo, é neste abismo de sofrimentos, torturas e infortúnios ocasionados pelo *malheur* e pela própria gravidade, que a filósofa aponta para uma hipótese transcendental e paradoxal de acesso à verdade que necessita de um esvaziamento atencioso e de espera que anseie o toque da graça divina. O sofrimento, assim, se revela não como um fim trágico, mas como um caminho de possibilidade para a verdade.

2 O Currículo de Pernambuco do Ensino Médio e a importância da “existência” no ensino de filosofia: uma abordagem centrada na experiência humana

A vivência existencial humana e suas singularidades, sempre estarão no centro da reflexão filosófica, constituindo através das nossas vivências e percepções, um referencial para possíveis tentativas de compreensão e indagações dos dilemas que cercam os enigmas e as tragédias da vida. Poucos aspectos da condição humana são tão intrigantes quanto o sofrimento, um fenômeno investigado por séculos, mas que permanece sendo um tabu na contemporaneidade devido a cultura da felicidade compulsória que tende a fugir e não refletir sobre este fenômeno intrínseco na própria natureza humana. Contudo, é através da educação filosófica, conforme o currículo de

Pernambuco, que surge uma resistência crítica a essa negação social. A investigação filosófica, voltada aos aspectos tangíveis da realidade, pode se tornar um meio para o desenvolvimento ativo, social e psicossocial discente, uma vez que a superação do senso comum por intermédio da reflexão no ensino de filosofia, possibilita um despertar para si e para contradições e tensões inerentes ao viver. Neste cenário, o novo Currículo de Pernambuco (2025) para o Ensino Médio busca promover e incentivar a reflexão de jovens para com as questões da própria existência, visto que em um mundo conectado e imerso na globalização, jovens tendem a se alienar e buscar refúgio em conteúdos que em nada dizem respeito a reflexão existencial e por consequência, se afastam da filosofia e da criticidade que os mantém despertos para a própria realidade:

Pensar a Filosofia e, particularmente, o seu ensino se justifica plenamente na formação do jovem estudante do Ensino Médio, pois tem como principal objeto de estudo a condição da existência humana, através da compreensão de uma visão de mundo, crítica e situada, e do homem em suas interações com o mundo, confrontando valores e projetos de sociedade, de modo que possa deixá-lo apto à apreensão do sentido de sua existência, que deve ser feito mediante um processo dialógico com sua experiência existencial (SECRETARIA, 2025, p. 249).

A temática abordada neste trabalho se mostra em conformidade com as habilidades EM13CHS501FI17PE³¹, EM13CHS103FI03PE³², EM13CHS502FI18PE³³ e EM13CHS602FI22PE³⁴ do currículo de Pernambuco, o que justifica a relevância da aplicação da filosofia do sofrimento de Simone Weil nas aulas de filosofia através das metodologias tradicionais ou metodologias ativas. Apesar de Simone Weil não ser uma autora existencialista em sua classificação tradicional perante o cânone filosófico, ela aborda temáticas existenciais em sua teoria, e, ao aplicá-las em sala de aula, surge a possibilidade de conectar o seu conteúdo com as experiências de vida dos discentes,

³¹ Analisar os conceitos de diversidade, identidade e alteridade identificando suas relações com elementos constitutivos do campo ético, tais como liberdade, autonomia e responsabilidade, tendo como referências as correntes filosóficas da Idade Moderna e Contemporânea. (Secretaria, 2025, p.276)

³² Compreender e articular conhecimentos filosóficos de diferentes linguagens, estruturas/conteúdos e modos discursivos, associando-os às possíveis soluções para situações-problema da sociedade contemporânea Secretaria, 2025, p.274)

³³ Problematizar, de modo reflexivo, a construção das dimensões éticas do sujeito na contemporaneidade, tendo em vista a promoção dos Direitos Humanos. (Secretaria, 2025, p.276)

³⁴ Compreender, criticamente, o conceito de cidadania e suas implicações fundamentais com as relações de poder, tanto de regimes políticos democráticos como ditatoriais (Secretaria, 2025, p.276)

estimulando não apenas o despertar crítico, mas também o desenvolvimento ético e cidadão diante das tensões presentes na contemporaneidade. Dessa forma, a filosofia do sofrimento de Simone Weil, alinhada a proposta do currículo do estado de Pernambuco, pode vir a potencializar o despertar crítico em sala de aula, bem como, possibilitar possíveis contribuições, desafios e possibilidades que cercam essa aplicação no cotidiano e nas aulas das escolas do estado.

3 Simone Weil e uma educação integrada à vida: contribuições para o ensino de filosofia

Embora Simone Weil seja historicamente conhecida como filósofa, mística e militante anarquista, o seu papel como professora de filosofia foi extremamente importante para as críticas à estrutura lógica do ensino em seu tempo (estrutura que exerce influências até os dias atuais no campo do ensino brasileiro e no mundo). As suas meditações acerca de um ensino enraizado³⁵ e guiado para as grandes massas operárias, oferecem contribuições que podem agregar valores e benefícios às teorias educativas através da sua proposta sobre uma educação que se integra à vida. Para a filósofa, enraizar a educação e aproximar-a das grandes massas exige conectar o ensino aos aspectos centrais da vivência humana, como a existência, a espiritualidade, a cultura, e o trabalho. Contudo, o ensino, a cada dia, enfrenta um desenraizamento alarmante em sua estrutura, tornando-se refém de uma visão que o desconecta de características culturais próprias e se alinha a uma única lógica de conhecimentos: a ocidental. Esse modelo de educação centrado em uma única visão de mundo, é duramente criticado pela Simone por sua tendência a se afastar da vida e ocasionar a perca das raízes que são indispensáveis para o estímulo da criticidade e do elo em comunidade, como afirma Queiroz:

Outra questão que aprofunda o desenraizamento operário é o modelo de educação da sua época. A educação articulada à cultura hegemônica moderna distancia-se das tradições nacionais, dando lugar ao que Santos (2013) chama de “duplo desenraizamento” – da cultura clássica e das tradições populares perdendo o horizonte universal e o referencial local (QUEIROZ, 2017, p. 5).

³⁵ Uma educação enraizada, busca conectar o elo entre o ser e as suas raízes sociais, culturais e espirituais.

O ensino então, se degenera e se torna uma simples transmissão de informações e conteúdos, que contribuem para o epistemicídio e para uma formação sem propósito que gera alienação, a busca por ascensão social e o sofrimento, como afirma a própria filósofa:

O que se chama hoje de instruir as massas é pegar essa cultura moderna, elaborada num meio tão fechado, tão doentio, tão indiferente à verdade, tirar-lhe tudo o que ela ainda possa conter de ouro puro, operação que se chama vulgarização, e enfornar o resíduo tal e qual na memória dos infelizes que desejam aprender, como se enfia a comida pela goela dos pássaros (WEIL, 2001, p. 46).

Ademais, é fundamental destacar que o conhecimento desprovido de um propósito é facilmente cooptado e instrumentalizado para a alienação da população nos diversos setores sociais, visto que através dessa lógica, o sucesso escolar se restringe somente para aqueles que já gozam de privilégios, e o fracasso, que por estrutura é direcionado as classes que estão na base da sociedade, se consolida como um vetor de inferiorização, sofrimento e impotência que se potencializa por meio de um ensino precarizado e desenraizado como aponta Queiroz:

Não obstante o caráter elitista e classificatório que a educação brasileira assumiu desde os primórdios de sua colonização, reproduzindo a estratificação, ao invés de significar a emancipação e a mobilidade sociais, algumas práticas em curso no Brasil sobressaem deste “lugar comum” (QUEIROZ, 2017, p. 10).

Em suma, quando o sistema de ensino das massas é cooptado e controlado pela lógica mercadológica, ele se estabelece como um instrumento ativo do capital, visto que quanto mais massas alienadas para com a sua própria vida e realidade, mais trabalhadores acríticos em sociedade. A partir disto, Simone Weil disserta em suas análises, sobre as consequências de um ensino que exalta o prestígio e se distancia dos valores construídos socialmente, e é através de sua análise, que podemos refletir sobre essa dinâmica de adoecimento social que atravessa inúmeras décadas e se mantém cada vez mais atual:

Na escola, os exames exercem sobre a juventude a mesma obsessão que o dinheiro sobre os operários que trabalham por peça. Um sistema social está profundamente doentio quando um camponês trabalha a terra com o

pensamento de que, se é camponês, é porque não era suficientemente inteligente para se tornar um professor primário (WEIL, 2001, p. 46).

A partir da perspectiva de Simone, comprehende-se que filosofia possui a capacidade de integrar os aspectos basais da vivência existencial humana através de seu ensino. A sua finalidade se centra no entendimento do ser e tudo o que o constitui, conduzindo cada indivíduo a uma elevação e conexão com este propósito. Nesse sentido, a filosofia então, passa a ser uma linguagem adequada a reflexão e aproximação para com as dimensões que moldam e atribuem características plurais e singulares da existência humana. Por intermédio dela, os indivíduos podem não apenas refletir sobre a própria condição, mas também se sensibilizarem com o apagamento de sua história e representações, facilitando assim, uma aproximação do ser para consigo e sua realidade. Essa capacidade singular da educação filosófica ao promover a elevação e a conexão genuína com o real, é o que Simone Weil destaca ao diferenciá-la de outras possíveis maneiras de intervenção na existência humana:

Existem duas maneiras de mudar nas outras pessoas a maneira como leem as sensações, a sua relação com o universo: força (do tipo cuja forma extrema é a guerra) e educação. São duas ações exercidas sobre a imaginação. A diferença entre elas é que as pessoas não se associam à primeira (apenas reagem), ao passo que se associam à segunda. Alguém pode ser capaz pelo uso da força de degradar outras pessoas ou impedir que sejam degradadas; mas só se pode elevá-las por meio da educação (WEIL, p. 215, tradução nossa)³⁶.

Portanto, para enraizar e integrar o ensino à vida, é imprescindível que o (a) educador (a) associe temáticas e teses filosóficas com o cotidiano de cada discente, pois é através dessa conexão entre ensino e vida, que o ensino filosófico se mescla a realidade e não se limita à uma transmissão de conteúdos e informações restritos a sala de aula. Contudo, para que isso seja possível, este (esta) educador (a) precisa traduzir esses conteúdos, ou seja, torná-los acessíveis e de fácil entendimento para as massas

³⁶ "There are two ways to change how others read sensations and their relationship with the universe: **force** (the extreme form of which is war) and **education**. Both are actions exerted upon the imagination. The difference between them is that people do not associate with the first (they merely react), whereas they do associate with the second. One may be able, through the use of force, to degrade others or prevent them from being degraded; but one can only elevate them through education" (WEIL, p. 215).

(principalmente aquelas que não tiveram o acesso à educação), como afirma Hamilton Queiroz:

O que Weil propõe é um esforço do educador no sentido de traduzir a linguagem culta numa linguagem popular, sem contudo, empobrecer ou vulgarizar o conhecimento. Aliás, esta não é uma mera proposta de nossa filósofa, ela vivenciou este desafio. Seja para operários das fábricas onde trabalhou, seja para campesinos com quem ela conviveu, Simone lia para eles contos e poemas da mitologia grega, num esforço brilhante de tradução. Para ela, tanto Ilíada quanto Antígona estão mais próximas do povo do que se imagina (QUEIROZ, 2017, p. 7).

Logo, essas contribuições, além de oferecerem possibilidades de reflexões, mostram um amplo campo de possibilidades e desafios que merecem ser explorados no campo do ensino de filosofia.

3.1 Os desafios e as possibilidades da aplicação da “filosofia do sofrimento” no ensino de Filo

Atualmente, o mundo contemporâneo enfrenta o surgimento de inúmeras crises de natureza ambiental, além de transtornos e incertezas similares às do início do século XX. Embora as guerras (como os conflitos entre Palestina e Israel e a guerra entre Rússia e Ucrânia) não façam parte do cotidiano brasileiro, suas repercussões midiáticas geram angústias e crises existenciais devido à exposição da finitude e do sofrimento civil diante deste cenário de incertezas, devastações e do risco iminente da morte. Ademais, o estudante brasileiro do ensino médio além de ser sensibilizado pelas tensões de natureza global e ambiental, também é afetado pelos problemas da própria realidade brasileira, que incluem a pobreza, a violência, a lgbtqfobia e outras problemáticas que constituem fontes de sofrimento tangíveis. A partir desse contexto, a aplicação da filosofia do sofrimento de Simone Weil no ensino através de metodologias ativas e projetos interdisciplinares³⁷, pode auxiliar esses jovens a lidar com a própria dor e a dor alheia, além de aproxima-los dos acontecimentos no mundo, da sua comunidade e da filosofia. Contanto, para que esta aplicação seja efetiva, é fundamental que o (a) professor (a)

³⁷ As metodologias ativas e os projetos interdisciplinares no ensino médio desenvolvidos a partir da filosofia de Weil são diversos; podendo ser rodas de conversas, leituras coletivas seguidas de debates e a produções de conteúdos multimídias (como podcasts e documentários). Também podem ser considerado o desenvolvimento de projetos de intervenção social que visam amenizar e promover reflexões sobre o sofrimento na comunidade.

traduza o pensamento de Weil e associe os principais pilares da sua teoria com a realidade dos discentes dentro e fora do ensino.

A comunidade escolar pode ser um local hostil para algumas identidades, e pode estar suscetível ao surgimento do bullying, da misoginia, da exclusão e consequentemente do sofrimento que leva a evasão escolar e opressões em seus espaços. Essas manifestações de violências físicas e psíquicas não apenas afetam o bem estar dos estudantes, mas também prejudicam o desenvolvimento do ambiente educacional, transformando o que deveria ser um momento de acolhimento e aprendizado em fonte de angústia, medo, dor e aflição. Neste âmbito, os pilares desta abordagem são a ética da atenção weiliana e a noção weiliana do sofrimento político, que podem ser apresentadas durante as aulas sobre o sofrimento como ferramentas de resistência aos preconceitos e violências praticadas e sofridas dentro e fora do ambiente escolar. Assim, o objetivo dessas ferramentas se concentra no estímulo da alteridade entre os discentes e na atitude filosófica frente as estruturas de opressão que se perpetuam nas relações construídas e desenvolvidas nesses espaços. Logo, cada indivíduo será estimulado a praticar um olhar desinteressado sobre o outro, e incentivado a respeitar a existência autônoma de seus semelhantes, sejam eles LGBTQIA+, mulheres, pessoas com deficiência, pessoas de outras etnias ou com uma religião ou crença diferente. Logo, a necessidade de uma abordagem ética e crítica do sofrimento político que se coloque contra as violências nos espaços escolares se faz ainda mais urgente no cenário atual, conforme descrito por Pucci, Zuin e Ramos de Oliveira:

Esse cuidado ao ensinar filosofia, numa perspectiva de enfrentamento do bullying, é necessário no tempo presente, em que os males se globalizam sob a aparência do bem, e, pior ainda, do inevitável, do insuplantável, daquilo que teria que ser integralmente aceito e incorporado (PUCCI; ZUIN; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2008, p. 13).

Assim, o pensamento weiliano prepara o estudante para uma perspectiva que estabeleça a equidade e o respeito às diferenças nos espaços escolares, contudo, a relevância da filosofia de Weil também se expande e abrange a complexidade das políticas e da opressão do proletariado pois, a verdadeira atenção e o olhar crítico não ignora as injustiças estruturais. Em decorrência disso, a reflexão de Simone Weil sobre o sofrimento

e a opressão proletária também se torna essencial na formação dos estudantes, visto que muitos deles se tornarão futuros trabalhadores e atuarão no mercado de trabalho ao longo de suas vidas. Por essa razão, mencionar o pensamento de Simone Weil sobre o sofrimento das massas proletárias nas aulas de filosofia, pode corroborar com a sensibilização e a mobilização discente contra as desumanizações que se perpetuam nos ambientes trabalhistas até os dias atuais. O (A) professor (a) também pode aprofundar o conceito de *malheur* em sala de aula, alinhando a compreensão sobre este estado com a urgência de pensar ou repensar o sentido do trabalho e a busca de modelos éticos de organização destes ambientes. Nesse sentido, esta temática não apenas oferece uma lente crítica para que os discentes compreendam as lutas históricas que envolve o trabalho, mas também as reivindicações da classe proletária contemporânea. Quando discutimos a exaustiva jornada da escala 6x1 ou a incessante busca por salários e condições dignas, também podemos conectar as realidades do nosso tempo com as batalhas travadas e defendidas por Simone Weil e por gerações de trabalhadores. Isso possibilita que os estudantes não só reconheçam uma longa trajetória de resistência contra o sofrimento imposto, mas também percebam a urgência de continuar buscando reivindicações justas para classe trabalhadora.

Outro aspecto relevante de possibilidade na filosofia de Simone Weil se centra na abordagem ontológica do sofrimento que converte a vulnerabilidade humana em uma ferramenta epistêmica. O sofrimento é um tema que proporciona reflexões densas sobre a realidade da condição humana e abre o caminho de possibilidades para um debate reflexivo em sala de aula através das vivências e leituras existenciais de cada aluno. Essa abordagem ontológica possui um eixo fundamental para a educação filosófica ao investigar as raízes existenciais da dor (aqueles inerentes à natureza humana). Ademais, ela oferece aos jovens ferramentas para decifrar e identificar criticamente suas vivências diante desses problemas, já que a dor não é apenas um sintoma de patologias individuais ou falhas sociais, mas uma janela para o entendimento da nossa finitude que abarca a vulnerabilidade humana, a consciência da morte, a existência metafísica de uma divindade e o vazio diante do absurdo que leva os seres às suas tendências gravitacionais. Além do mais, essa reflexão ganha força no contexto atual, onde os

impactos de natureza ecológica que nos empurram para um absurdo ambiental³⁸ e para os dias de sofrimento que virão, podem vir a ser um gancho em sala de aula para se pensar a existência diante do risco iminente de extinção animal e humana. As crises climáticas impulsionadas pela ganância e pelo capitalismo selvagem, destroem a cada dia o meio ambiente, a fauna e as floras nativas, além de vitimarem a própria humanidade através dos desastres naturais agravados pela destruição humana. A cada ano, a humanidade à beira a um colapso que se estende do ser à natureza, gerando ondas de sofrimento generalizado, crises existenciais, desesperanças e por vezes, medo e suicídios. Nessa perspectiva, ao integrar a filosofia do sofrimento de Simone à vivência existencial dos estudantes e aos dilemas da realidade, possibilita uma alternativa para a superação da inércia existencial causada pela globalização e pelos avanços da tecnologia; pois em um cenário onde os meios digitais tendem a afastar a humanidade da concretude do mundo através do fluxo contínuo de informações superficiais, a abordagem weiliana do sofrimento convida os discentes a investigarem as nuances e os problemas da existência.

Longe da alienação promovida através das telas, a filosofia de Weil cultiva nos alunos, a capacidade de enxergar e assimilar o sofrimento em sua magnitude, aprimorando uma conscientização que está atenta as banalidades do cotidiano e a favor da reflexão dentro e fora da sala de aula. Desse modo, os alunos podem ser motivados a refletir ou divergir sobre como o sofrimento age e surge na vida de cada ser humano por meio de uma reflexão introspectiva e coletiva, uma vez que o entendimento ou ressignificação da dor, podem contribuir para novas visões e distanciar os indivíduos de qualquer romantização, alienação ou idealização. Além disso, a compreensão dessa teoria não apenas promove a resistência contra a fuga da reflexão acerca da finitude e do sofrimento, mas também incentiva a alteridade e a compaixão por meio desta experiência compartilhada da dor. Os estudantes também podem se beneficiar da catalogação conceitual da dor proposta por Simone Weil, em particular, o conceito de

³⁸ O absurdo ambiental também pode ser discutido em sala de aula como um dos arquétipos da gravidade weiliana em uma escala a nível civilizatório, pois as mudanças climáticas, movidas pela lógica capitalista, espelham a tentativa da fuga do vazio existencial através da dominação da natureza e do lucro, gerando sofrimentos que atingem humanos e espécies não humanas

sofrimento desnecessário, pois ele pode vir a impulsionar a reflexão sobre as próprias atitudes dos discentes no tecido existencial contribuindo para uma atitude mais crítica e responsável diante dos dilemas morais e existenciais que se apresentam³⁹. Assim o sofrimento, quando abordado nos espaços educativos surge não como uma finalidade para uma experiência de transcendência, mas como um caminho de possibilidade para o despertar crítico que só possível através da filosofia

Apesar de seu potencial, a inclusão da filosofia de Simone Weil nas aulas do ensino médio não está isenta de desafios e obstáculos que exigem atenção e preparo por parte do (da) docente. O apagamento de gênero no currículo filosófico por exemplo, se torna um problema na inclusão dos princípios weilianos no ensino, visto que historicamente, o cânone filosófico e as práticas escolares tendem a apagar as contribuições de mulheres filósofas na história. Este apagamento além de prejudicar e empobrecer a formação dos estudantes, dado que eles são privados de conhecer novas perspectivas, também perpetua a invisibilidade das mulheres e dificulta a presença de autoras como Simone nos materiais didáticos e nas abordagens pedagógicas. O (A) educador (a) então, passa a enfrentar o desafio de visibilizar e contextualizar com os conteúdos exigidos pelo currículo, uma filósofa que apesar de sua relevância, ainda não está presente de forma obrigatória nas ementas e no currículo do ensino médio. Isso exige deste (desta) docente um esforço e lucidez para combater ativamente essa invisibilidade, mostrando a relevância do pensamento desta filósofa em um campo dominado por figuras masculinas. Em suma, a ausência de filósofas no ensino de filosofia, prejudica os avanços das reivindicações da igualdade de gênero no ensino e na sociedade, pois a invisibilidade destas mulheres na filosofia também é um reflexo direto do que ocorre no ensino superior, cujo currículo e práticas acadêmicas frequentemente influenciam toda a educação básica. A gravidade dessa situação é discutida e refletida por Edilson Damasceno em sua dissertação:

³⁹ É crucial abordar o sofrimento desnecessário no ensino atual, pois a ascensão de movimentos como os incels (celibatórios involuntários) e grupos extremistas, evidenciam um preocupante adoecimento social. Esse cenário demonstra como o sofrimento e a violência podem ser perigosamente instrumentalizados por ideologias opressoras, e discutir essa questão durante as aulas sobre Simone Weil e no ambiente escolar é de extrema urgência e importância para que se possa desenvolver estratégias de combate a essas ascensões.

Essa ausência de mulheres no ensino da Filosofia, de certa maneira, impacta o desdobramento relacionado à igualdade entre homens e mulheres em uma mesma sociedade. Na entrevista feita com alunos/as e ex-alunos/as do curso de Filosofia da UERN fica extremamente clara a situação em que se encontram as filósofas no âmbito das discussões universitárias: deixadas de lado, como se fossem algo desprezível e que não merecesse atenção; sequer para serem citadas. Quando perguntado em qual disciplina teve acesso às mulheres da Filosofia, Sandro Cocco foi enfático: “nenhuma”. (Damasceno, 2021, p. 73-74).

Outro desafio na aplicação da filosofia weiliana em sala, reside no cuidado com a sensibilidade do conteúdo, pois a abordagem da temática do sofrimento, embora essencial pode ocasionar gatilhos emocionais nos alunos devido a experiências pessoais, violências sofridas e contextos familiares desestruturados. Portanto, é obrigatório que o (a) docente aborde o tema com cautela, respeitando a classificação indicativa e a individualidade de seus estudantes, visando criar um ambiente seguro para a reflexão. Desse modo, o (a) docente deve estar apto (a) a lidar com reações adversas, e se necessário, buscar apoio psicopedagógico para os discentes, garantindo que a discussão seja construtiva e não prejudicial. Logo, o (a) docente tem como desafio compreender em totalidade o pensamento de Simone Weil para evitar interpretações errôneas que possam levar à romantização do sofrimento em sala de aula e a transmissão equivocada desses conteúdos, logo é fundamental que a filosofia de Weil seja apresentada de forma clara e sem ambiguidades. Por se tratar de um pensamento construído a base de metáforas, o (a) educador (a) precisa compreendê-lo e traduzi-lo de maneira acessível, garantindo que a complexidade do pensamento weiliano alcance os alunos de forma íntegra. Assim, fica evidente que apesar dos desafios filosofia de Simone Weil oferece um aporte teórico robusto para uma formação estudantil mais consciente e engajada com as realidades afetadas pelo sofrimento humano.

Conclusão

Os benefícios de integrar o pensamento de Simone Weil no ensino de filosofia são plurais e indispensáveis para a formação crítica e cidadã dos estudantes, pois a teoria weiliana sobre uma educação conectada à vida pode contribuir direta e indiretamente para a construção de um ensino que valorize em seus espaços, as experiências individuais e coletivas da comunidade escolar, visibilizando a diversidades de

conhecimentos (principalmente daqueles que representam e compõem a cultura popular de cada discente). Em consonância a isto, a ética da atenção e a noção de sofrimento político weiliano também surgem beneficamente como ferramentas de apoio ao ensino, possibilitando a reflexão e o combate contra as violências ocorridas dentro e fora ambiente escolar. Além de estimular a renúncia voluntária dos preconceitos e a adesão do respeito a autonomia de cada indivíduo poder ser quem é, e existir a sua maneira. Além do mais, os estudantes também podem ser beneficiados diante do contato com as nuances do sofrimento a partir das lentes de Simone Weil; e podem ser estimulados a se distanciar da superficialidade e ilusões promovidas pela era digital, passando a cultivar a capacidade de indagar, enxergar e conhecer a realidade, em um espaço para expor seus pontos de concordâncias e discordâncias. Afinal, é isto o que configura um despertar crítico, a capacidade de inferir, discordar e se identificar com uma teoria filosófica.

E, para estimular o olhar crítico e filosófico do discente para a sua realidade, é essencial que o (a) docente em suas aulas, elabore formas e maneiras de aproximação ou associação de teorias filosóficas para com a vida dos estudantes. Essa aproximação possui uma natureza plural e pode possível através da exposição ou citações de filmes que tenham relação com a temática abordada em sala, da exposição de uma notícia seguida de uma reflexão ou um questionamento acerca das experiências de vida ou acontecimentos no cotidiano escolar. Com relação a filosofia do sofrimento de Simone, a sua integração junto a análise conceitual em sala de aula, através de metodologias expositivas e ativas, também pode permitir que a reflexão sobre a dor se torne um mecanismo de estímulo aos questionamentos e reflexões existenciais de natureza ontológica e política, que estimulam os jovens a indagarem as origens das injustiças que os afetam. Em síntese, a dor em Simone Weil tem a potencialidade de proporcionar aos jovens lentes filosóficas que os aproximam da filosofia, do amor e da educação. Desse modo, o sofrimento, quando abordado de maneira ética no ensino de filosofia, transcende a fuga da reflexão, e passa a ser uma rota para uma consciência de resistência coletiva, que visa a reconstrução de um mundo pacífico, atencioso e menos injusto. Em tempos de sofrimento e adversidades, a filosofia de Simone Weil, com seu poder de extrair a luz do abismo da dor, impulsiona os estudantes à coragem de encarar o real.

Por fim, o limite desta pesquisa reside em sua aplicação ao ensino médio da rede estadual de Pernambuco e se guia pelas características singulares dessa etapa educacional: jovens entre 14 e 17 anos que vivenciam crises existenciais, a formação da própria identidade e a assimilação da realidade enquanto jovens que estão transicionando para a fase adulta. Além disso, o novo Currículo de Pernambuco (2025) foi pensado e desenvolvido para o ensino médio ao construir e desenvolver habilidades específicas para os alunos dessa faixa etária. Portanto, esta pesquisa não pode ser aplicada no ensino fundamental ou na Educação de Jovens e Adultos (EJA). No ensino fundamental, a complexidade ontológica do *malheur* e a mística weiliana seriam incompatíveis com o desenvolvimento crítico e cognitivo de crianças e pré-adolescentes. E na EJA, as realidades e os estágios de vida estão para além do que foi pensado e construído pelo currículo do estado. Logo, estudos e análises semelhantes precisam ser desenvolvidos levando em consideração as realidades, conteúdos, componentes curriculares e as classificações indicativas das pessoas que compõem essas etapas do ensino, garantindo, assim, que a concepção de Weil atinja todas essas etapas e proponha possibilidades de engajamento crítico.

Referências

- BUENO, D. A. B. O sofrimento como pathos em Simone Weil. **Outramargem: Revista de Filosofia**, v. 4, p. 22-39, 2017.
- BUENO, D. BORTOLLO, V. **Simone Weil: Ser e sofrimento**. São Paulo: Appris, 2019
- DAMASCENO, Edilson. **Exclusão da mulher no ensino de filosofia**. Orientadora: Eliane Anselmo da Silva. 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 2021.
- FIGUEIREDO, C. **O malheur e a verdade em Simone Weil: uma interpretação do sofrimento humano**. Orientador: Guilherme Domingues da Motta. 2021. 109 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, 2021.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- MACHADO, M. M. **Perturbação pós-stress traumático e risco de suicídio em excombatentes**. Orientador: Carlos Manuel Braz. 2014. 56 f. Dissertação (Mestrado em

Medicina) – Faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

PEREIRA, S. T. A ideologia punitivista e o controle social pelo discurso da ressocialização. **Revista foco**. V.18, n 2, p. 01-15, 2017

POULIN, M.È. **Le sacrement du malheur chez Simone Weil**. 2010. Directeur de recherche: Terry Cochran. 143 f. Mémoire (Maîtrise en études françaises) – Faculté des arts et des sciences, Université de Montréal, Montreal, 2010.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES DO ESTADO DE PERNAMBUCO.

Currículo de Pernambuco: ensino médio. Disponível
em:https://portal.educacao.pe.gov.br/wpcontent/uploads/2023/11/CURRICULO_DE_PERNAMBUCO_DO_ENSINO-MEDIO-2021_Final.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

PUCCI, Bruno; ZUIN, Antonio Álvaro Soares; Newton Ramos de Oliveira. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2008.

QUEIROZ, Hamilton Barreto. **Educação, desenraizamento e contemporaneidade em Simone Weil**. Orientador: Luciano Costa Santos. 2017. 92f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade - Departamento de Educação Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017

WEIL, S. **Attente de Dieu**, Paris, Éditions Fayard, 1966.

WEIL, S. **First and Last Notebooks**, London, Oxford University Press, 1970.

WEIL, S. **Notebooks of Simone Weil, Volume One**, New York, G. P. Putman's Sons, 1956.

WEIL, S. **Notebooks of Simone Weil, Volume Two**, New York, G. P. Putman's Sons, 1956.

WEIL, S. **O Enraizamento**, São Paulo, Editora da Universidade do sagrado coração, 2001.

WEIL, S. **O peso e a graça**, Minas Gerais, Editora Chão da feira, 2020.